A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 31 | Domingo 30 de julho | 1893

MATHIAS DE CARVALHO

É claro que é com grande prazer que me proponho esboçar aqui o medalhão do sr. Mathias de Carvalho. Mas, ao fazel-o, em quem eu sobretudo penso é em seu irmão Antonio.

E porque penso em seu irmão Antonio, o erudito professor de botanica na Universidade, já desapparecido do mundo terrestre ha cerca de vinte annos?

Penso n'elle, em primeiro logar, porque é uma das mais saudosas e sãs recordações dos meus primeiros passos de estudante ao entrar para a Universidade. Foi na casa de Antonio de Carvalho que logo encontrei a mais amiga e prestimosa hospitalidade, e foi ao contacto da sua tão fina organisação, que recebi uma das mais caracteristicas impressões da nobreza humana, accentuada, tanto na elegancia physica da figura e na sympathia da physionomia, como na generosidade e elevação de animo, que coroavam os seus distinctissimos dotes de finissima intelligencia.

E penso tambem n'elle ao fallar de Mathias de Carvalho, porque este ficára como que o Benjamim querido na familia de que Antonio de Carvalho era o irmão mais velho, e que, na sua qualidade de morgado, conservava certas funcções paternáes, que todas se desenvolviam no mais especial affecto e mimo, com que tantas vezes o ouvi fallar de Mathias.

Se me é, pois, doce recordar aqui o nome de Antonio de Carvalho, não é isso menos grato certamente ao sobrevivente d'essa brilhante pleiade, constituida pelos filhos do nobre homem Mathias de Carvalho Mendes Coutinho de Vasconcellos, senhor do morgado de Ourentã e de varios prazos e fóros desde Cantanhede até á costa de Buarcos, por esses mimosos campos do Mondego fóra, passando pelo *Moinho do Almoxarife*, que do comboio o viajante póde observar, ahi pelas alturas de Alfarellos, se bem me recordo.

Brilhante pleiade na verdade!

Dos filhos de D. João I, disse o epico:

Inclita geração, altos infantes!

Cousa analoga se poderia dizer dos Carvalhos da rua dos Coutinhos, que assim tenho ideia que eram conhecidos durante os seus estudos esses distinctos mancebos, que aliavam, á nobreza de sangue o valor pessoal, e á belleza moral a distincção physica, e que, sendo tambem quatro, se chamavam por sua ordem Antonio, Manuel, Mathias e Pedro.

Os tres primeiros doutoraram-se. Antonio e Mathias foram lentes na Universidade. Manuel morreu juiz da Relação. Quanto a Pedro, que os irmãos diziam sempre ser de todos o mais talentoso, enluctou precocemente a familia, morrendo ainda estudante da faculdade de mathematica, onde tanto se estava assignalando.

Taes são as origens e referencias da figura, sob tantos pontos de vista distincta, de Mathias de Carvalho, actual representante de Portugal na côrte de Berlim.

Diplomata hoje dos mais considerados, — não fallo dentro de casa, mas internacionalmente — esteve na politica e na administração, mas a sua carreira começou-a pela sciencia no alto professorado da Universidade.

Alumno distinctissimo da faculdade de philosophia, era quasi uma creança, pois tinha apenas 21 annos,

quando em 1854 se doutorou. E no anno seguinte era lente. A sua predilecção eram as sciencias physico-chimicas, e a cadeira confiada a regencia do jovem professor foi a mais transcendente de todas, a da physica, chamada dos imponderaveis, que elle inaugurou. A parte experimental d'essas sciencias, estava, porém, pouco desenvolvida em Portugal, e foi assim que em 1857, o governo encarregou o Doutor Mathias de Carvalho de estudar essa especialidade nos laboratorios e gabinetes estrangeiros, onde se demorou até 1864.

Do seu aproveitamento, dos serviços que prestou á sua faculdade e da brilhante figura que pessoalmente fez, falla mais de uma vez a *Memoria Historica da Faculdade de Philosophia*, redigida em 1872 para celebrar o primeiro centenario da reforma da Universidade.

Ahi leio, effectivamente, que em Congregação de 23 de Dezembro de 1860 da Faculdade de Philosophia, sendo esta informada pelo Reitor, de que em uma sessão da Academia das Sciencias de Paris tinham sido expressas ideias altamente lisongeiras para a Universidade, foi determinado «repetir os seus louvores ao Dr. Mathias de Carvalho pela parte que teve n'este facto, e pelo modo brilhante e digno com que tem representado em geral a Universidade, e em especial a Faculdade de Philosophia no desempenho da sua commissão.»

Ahi encontro tambem, que na observação do eclypse de 15 de março de 1858, especialmente observado e estudado no Observatorio de Bruxellas por Quetelet, fôra o Dr. Mathias de Carvalho o encarregado das observações magneticas.

O Dr. Mathias de Carvalho voltou da sua tão illustrativa viagem, mas não voltou para a Universidade. O governo achou melhor confiar-lhe a direcção da Casa da Moeda.

Mas não era ahi tambem, apezar dos grandes serviços prestados, que teria de crystalisar. Veio para a politica. Foi deputado, e foi ministro, aliás oito dias apenas, e foi d'ahi que partiu para a diplomacia, onde tão util e distinctamente se assignalou, que hoje já ninguem se lembra, nem talvez elle proprio, dos seus tão brilhantes principios na carreira scientifica.

Mas não tem duvida! É sempre bom ter atraz de si essa bagagem, que não peza, e que attesta efficazmente o que cada um vale por si, sem dependencia dos despachos da confiança ministerial.

Como diplomata, o sr. Mathias de Carvalho foi primeiramente nomeado para o Rio de Janeiro. Procurei hontem pessoa que me daria a sua impressão especial da sua estada ali, mas não a encontrei, e assim vejo-me reduzido a dizer o que é geralmente sabido: que foi ali muito estimado do Imperador e da colonia, que contribuiu muito para as boas relações de portuguezes e brazileiros, e que, prégando pelo exemplo, ali desposou a respeitavel senhora, de que nasceu a tão sympathica familia, que é hoje todo o seu enlevo e disvelo.

Quiz então o Imperador que o casamento se celebrasse na capella imperial, sendo padrinhos os actuaes representantes do throno brazileiro. Ali, tambem, foi depois baptisado o primeiro filho, que se chamou, como o seu augusto padrinho — Pedro d'Alcantara.

Foi depois para Italia. Meio mais proprio ao desenvolvimento e apreço das suas distinctas qualidades européas, foi ahi que mais prestigio conseguiu o seu nome. Pessoa idonea m'o referio um dia: o rei Umberto affeccionava particularmente o ministro portuguez, conversava longamente com elle e mais de uma vez teria ouvido o seu conselho. Mas não era só o Rei d'Italia. Para os seus collegas de missão, o sr. Mathias de Carvalho era tambem um centro, e era a elle que recorriam para se esclarecerem e aconselharem sobre mais de um assumpto.

Mas como um dia fôsse necessario politicar com as embaixadas, sem embargo da excepcional situação do nosso representante na côrte de Roma, dos seus largos serviços e da propria contrariedade causada ao Rei Umberto, o sr. Mathias de Carvalho. . . foi sacrificado. Coisas portuguezas! Só portuguezas!

Em demonstração do seu sentimento e amizade, os jornaes italianos o referiram então, S. M. Umberto offertou-lhe o seu retrato, que expressamente mandou pintar para esse effeito pelo primeiro pintor retratista d'Italia.

Mas o regresso a Portugal, teve de bom, que deu o ensejo de se ouvir na Camara dos Pares a voz do antigo politico, ha tanto tempo muda, n'um dos mais brilhantes e conceituosos discursos, que deixou bastante ferido o governo, e especialmente a sua administração financeira.

Veio depois o ministerio Dias Ferreira. Não queremos fazer o seu elogio, mas a verdade é que foi elle que deu ao sr. Mathias de Carvalho a justa reparação de lhe sollicitar a acceitação do importantissimo posto de Berlim. E, acceitando-o, ainda que contrariado, veio elle a prestar ao seu paiz um dos mais assignalados serviços, pois duvidamos que outra pessoa, que não tivesse os dotes de intelligencia, de seriedade, de auctoridade pessoal e de tino, tão difficeis de reunir, mas que precisamente convergem na personalidade altamente sympathica do sr. Mathias de Carvalho, conseguissem o que elle conseguio.

Basta dizer, que no conflicto com os crédores, sendo, de todos os governos, o allemão o mais hostil contra nós, acabou precisamente por nos ser esse o mais favoravel!

E esta é a obra quasi exclusivamente do sr. Mathias de Carvalho, a obra do seu espirito tão lucido, como conciliador e verdadeiro, pois não sei que elle nunca recorra á facil, mas funesta, diplomacia da men-

tira, que, por falta ou excesso de engenho, é o systema de tantos politicos e a irresistivel idiosyncrasia de muitos outros.

Diz-se que o governo offerecera ao sr. Mathias de Carvalho a presidencia da Junta do Credito Publico. O seu nome era evidentemente uma garantia, mas o illustre diplomata teria declinado, ouvimos, o honroso convite.

Dizem tambem que será transferido para Madrid, e outros annunciam que será ministro no proximo gabinete progressista.

Nada sei do futuro, mas, sinceramente, os altos meritos do sr. Mathias de Carvalho ganham mais em ser aproveitados no estrangeiro. Lá fóra dá elle a mais elevada e lisongeira ideia de Portugal. Na sua terra, não é bastante *politico* para navegar no mar um pouco turvo sempre do politiquismo nacional. Não receio que o estragassem, pois elle não é já susceptivel de tomar máos geitos, mas consideral-o-hiam — *nephelibata*, como se diz no odioso *calão* politico, a respeito dos homens publicos que não manipulam eleições.

E para terminar, pois a columna de que disponho está no fim, que o leitor me desculpe a imperfeição do medalhão, que só ao correr da pena poude esboçar. Mas no alto da pagina o retracto é perfeito: d'elle resalta, sem necessidade de explanações, a intelligencia, a distincção e a sympathia. É certo que n'estes ultimos tempos em Portugal todo o elogio tem de começar ou acabar pela affirmação de que é muito honrada a pessoa a que se allude. Para aquelle de quem me occupo julgo dispensavel, em absoluto, tal allusão. Antes considero que seria impertinente.

E o meu estimavel amigo o sr. Mathias de Carvalho me desculpará tambem de não ter declinado para penna mais aprimorada a incumbencia que me confiou o director da *Semana de Lisboa*. Acceitei-a, para lhe poder enviar um cordeal aperto de mão, em memoria da pessoa querida e saudosa para ambos nós, cujo nome exarei nas primeiras linhas, e cuja influencia no meu destino social foi grande.

EDUARDO BURNAY.

No proximo numero, medalhão do Conde de S. Januario. Artigo de Bento da França.

CHRONICA ELEGANTE

(UMA CARTA DE CINTRA)

De uma gentil e amavel leitora, que mysteriosamente se occulta com o pseudonimo de *Grazielle*, recebemos pelo correio a carta que em seguida publicamos.

Ao sr. Graziel, redactor da chronica elegante da «Semana de Lisboa». — Cintra, á sombra de um castanheiro, 25 de julho.

A prova de que estou pouco habituada a escrever é que, apenas peguei na penna, fiquei logo com os dedos manchados de tinta! Succede-me sempre isto! Por mais cautella que tenha, por maiores cuidados que empregue, assim que escrevo alguma carta a uma amiga, os meus dedos ficam sempre manchados — como ficavam os dedos da endiabrada *Rosina*, de cada vez que tinha de responder ás cartas de *Lindoro*. Felizmente não ha aqui *D. Bartholo* que por isto me censure.

Segundo lhe posso affirmar, eu sou solteira; e, segundo me affirmam os homens nos bailes, sou elegante e formosa e com algumas prendas de educação muito apreciaveis na sociedade. Tambem tenho defeitos: detesto o uso do pó d'arroz, não sei bordar a missanga, nem fazer trancellins de cabello. Toco piano e canto, mas toco e canto *per mi sola*, — como diz a *Carmen*. Falo com menos correcção do que audacia tres linguas estrangeiras, e os unicos livros, cuja leitura me permittem, são os ingenuos romances de varias *ladies* inglezas. Uma vez só, e clandestinamente, quando estava no convento, consegui lêr um romance de Walter Scott. Ah! meu caro sr. Graziel, que impressão me deixou aquelle livro! A heroina chamava-se Diana Vernon, e era loura, linda, esbelta, graciosa, audaz, vivia n'um antigo castello, montava a cavallo; e, seguida de varios caçadores e de uma matilha de lebreus, lá ia ella, ao romper da manhã, correr e caçar as lebres nas frondosas mattas da Escocia. Durante tres dias o meu ideal era ser uma Diana Vernon! E, como não tivesse cavallo, e quizesse fazer-me amazona, montava, ás escondidas, as cadeiras da sala, exercitando-me como se estivesse sobre um cavallo fogoso e indomavel. Um dia, com tal enthusiasmo galopei, que parti as costas da cadeira, e fiquei estatelada no chão. Tive de fazer uso de arnica, e desisti do intento! Ia-me esquecendo dizer-lhe, meu caro sr. Graziel, que tambem sei coser, e não ignoro absolutamente a arte de cusinha, podendo até accrescentar que, como Annette de Riverolles, da *Francillon*, ninguem como eu sabe preparar, para um *pic-nic*, uma salada japoneza mais saborosa! É até o meu forte, em arte culinaria — a salada japoneza!

Feita assim, com alguma modestia que me não fica nada mal, a exposição das minhas qualidades physicas e moraes, vamos ao assumpto principal d'esta carta.

Sendo a sinceridade uma das qualidades de caracter que mais aprecio, póde imaginar a indignação que me causou uma das ultimas chronicas em que o sr. Graziel amesquinha Cintra, procurando *fazer espirito* com a vida que se passa aqui. Devo dizer-lhe que, se procurou ter graça, perdeu o tempo e o feitio.

Não quero dizer que n'esta pequena villa, assente a meio de uma montanha, cujas bellezas teem encantado e inspirado tantos poetas notaveis, como lord Byron, a gente

que vem de Lisboa encontre as distracções que encontram os frequentadores das taes estações de Vichy, de Royat e d'Aix-les-bains, a que o sr. Graziel com tanto orgulho se refere, para nos dar a perceber que já por lá esteve! Que lhe fizessem muito bom proveito! Felizmente, em Cintra não ha casinos, nem concertos, nem theatros. Ha queijadas e burros.

As *matinées*, os theatros e os bailes são apreciaveis na cidade e durante o inverno. Quem tiver frequentado S. Carlos e assistido ás *soirées* dos salões elegantes de Lisboa, o que mais deseja, em chegando o verão, é o repouso no campo. Não quero dizer que se venha para Cintra unicamente para contemplar o azul do céo e a verdura das arvores e escutar o murmurio das fontes e o gorgeio dos rouxinoes. Seria uma grande séca! Mas d'ahi a affirmar-se que os habitantes estavam reduzidos, por agora, a ir para o terraço do hotel *Lawrence* ouvir um padre cantar *malagueñas* acompanhadas a violão, vae um abysmo, sr. Graziel, um verdadeiro abysmo! Quem lhe affirmou isso, enganou-o. Em Cintra não ha distracções? Não ha passeios? Não ha divertimentos? *Piano! piano!* — como diz o meu professor de canto, quando eu me arrebato a sahir fóra do compasso, e transformo em *allegro* um lento e mimoso *adagio!* — *Piano! piano!*

Ha distracções, sim, sr. Graziel!

Venha a Cintra; e, se conhece, como supponho, as familias de Lisboa que se acham a veranear aqui, o sr. Graziel verá que se não enfastia.

Quer que lhe trace o programma do dia? Ahi vae.

Levante-se cedo, dê um passeio em jejum até Seteaes a fim de abrir o appetite para o almoço. Depois de ter almoçado, e supponho que não terminará esta primeira refeição antes da uma hora da tarde, passe os olhos pelos jornaes, fumando descansadamente uma *cigarrette*, e saia depois. Antes de chegar ao pateo do Victor, metta á direita por uma pequena rampa e suba umas escadas de pedra, que dão accesso para uma casinha côr de rosa que apparece como encastoada na verdura da montanha. Será logo visto por duas ou tres lindas creanças que andam brincando no jardim, e que irão correndo para dentro de casa, alvoroçadas, gritando e annunciando:

— Mamã, mamã, ahi vem o...

(Não sei se Graziel é nome de gente christã; mas, caso não seja, substitua-o pelo verdadeiro nome da visita).

Conduzido á sala, ahi será recebido por uma das mais elegantes, das mais graciosas e das mais encantadoras senhoras da nossa aristocracia. E que aristocrata! Aristocrata pelo nascimento, que é dos mais illustres; pelo coração, que é dos mais perfeitos; pela intelligencia, que é das mais brilhantes. Do que ella é como mãe, como esposa e como amiga, disse-o ha tempos na *Semana de Lisboa* a mais primorosa e mais scintillante escriptora portugueza.

Aquelle egoista inglez que apregoava o *time is money*, não conhecia de certo o encanto que ha em se passar uma hora no convivio de uma senhora elegante, espirituosa, que sustenta uma conversa alegre, sem recorrer aos assumptos domesticos da cusinha, ás futilidades das *toilettes*, nem á maledicencia invejosa da vida do proximo. Se o inglez conhecesse esse encanto, veria logo que não ha dinheiro que pague o tempo assim passado.

Quasi sempre se encontra tambem na sala uma das cunhadas da dona da casa. Dizer-lhe que essa cunhada é muito formosa, que tem todos os attractivos de bondade, de candura, de distincção, que, logo ao primeiro encontro, inspiram a mais cordeal sympathia e o mais affectuoso respeito, dizer-lhe tudo isso e muito mais, não o quero, nem devo fazer. É preciso muita discrição em falar de meninas solteiras; não é que eu receie que esta se desvaneça, mas sempre é bom, meu caro amigo, evitar que as outras se despeitem.

Depois de passar uma hora n'aquella agradavel habitação, tagarellando constantemente, vae o sr. Graziel fazer uma visita ao pateo do Victor.

Quer que lhe diga com quem lá se encontra? Se não vier a Cintra antes d'isso, dir-lhe-hei na carta que tenciono escrever-lhe na proxima semana. E note que apenas fez uma visita que o encantou, que lhe deixou desejos de vol-

FOLHETIM

UMA FLOR D'ENTRE O GELO

V

«Julga-me tão alta, tão enlevada em meus pergaminhos, que me riria do seu amor como de uma irreverencia censuravel.

«Concebes uma loucura assim? Os soberbos são elles que, nobilitados pela intelligencia, nem por causa do amor a sujeitam ao que julgam uma humilhação.

«O meu interessante incognito! Se soubesse com que vontade eu rasparia os meus pergaminhos nobiliarios para escrever n'elles aquella declaração de amor!

«Alma de sensitiva, cujos delicados instinctos tem vigorado na solidão d'estas devezas: imaginação exaltada pelo contemplar das estrellas, que parece scintillarem aqui mais animadas, e dotadas de não sei que intelligencia para nos comprehender; elle, a ingenua creança, treme do mundo que não conhece, receia manchar a alvura das suas pennas de cysne na lama em que patinham esses gansos que lh'a invejam!

«Como se o amor não fosse a corrente limpida que lhe havia de restituir a nitidez! Incredulo! Ama-me e desconfia de mim! Elle que me salva... porque estou salva, disse-t'o, e por elle, por elle só! — elle que me salva, julga que me envergonharia do seu amor! Offerece-me um culto reverente, sincero, apaixonado, ideal, e teme que eu desvie a cabeça do incenso que me inebria! o mundo! o mundo! pois repara-se lá no mundo quando se ama? Se as harmonias do coração nos arrebatam, póde lá ouvir-se o sussurrar da multidão!

«Vaes julgar-me louca, se te disser que o amo.

«É verdade; não o conheço, não suspeito sequer quem seja; mas imagino o.

«Deve ser bello; porque a alma pura tem reflexos de que depende o que ha na belleza de mais ideal.

«Triste de quem os não percebe, fere-os uma cegueira que os póde encaminhar ao precipicio; deve ser bello, assegura-m'o a candura d'aquelles sentimentos, o ideal d'aquelle amor.

«Sei que o amo, adivinho que o hei de amar. Por isso estou salva; por isso te disse que vivia como nunca, como nem sabia que se vivesse.

«Estava cançada de galanteios, precisava de amor.

«As flôres artificiaes das salas de baile illudem-nos por momentos, mas a ausencia de perfume atraiçôa-as e logo se patenteia a arte que as teceu; mas as flôres como a violeta, em vão se occultam na relva das campinas, denuncia-as o aroma que exhalam, e são essas as que nos seduzem.

«Sabel-o tão bem como eu, tu a quem não illudem as adulações dos bailes.

«Estes elegantes de casaca, de cabellos frisados, de luva branca, que se meneiam, que se torcem, que se vergam, e adejam, como importunos mosquitos, em volta das nossas cadeiras, sibilando-nos insulsas galantarias; que nos falam no tempo ao ouvido, para se darem ap-

tar, e ainda faltam alguns minutos para as quatro horas da tarde. Não são os grandes palacios que maior prazer e maior felicidade proporcionam. Bem pequena era a casa de Socrates, — prégava-me a minha mestra allemã — e considerava-se elle muito feliz, se a podesse encher de amigos.

Não posso continuar esta carta, porque estão a chamar-me e vou pôr o chapéo para ir jogar o *lawn-tennis* a Seteaes.

Ah! Não imagina, sr. Graziel, como me ficaram os dedos! Parece que os metti no tinteiro!

Adeus.

GRAZIELLA.

O LIVRO D'UM POETA

A livraria Gomes vae editar n'um elegante volume, que deve ser impresso em Paris, as poesias de M. Duarte d'Almeida.

Ha muito que todos quantos apreciam a litteratura e admiram em M. Duarte d'Almeida um dos nossos poetas lyricos mais notaveis, desejam vêr reunidas em volume todas as suas poesias, que andam dispersas em diversas publicações litterarias.

M. Duarte d'Almeida tem o seu nome consagrado ao lado do de João de Deus. Quem conhecer a *Aromatographia*, um soneto que, só por si — no dizer de João Penha — vale um poema; quem conhecer a *Mosca morta*, não hesitará em collocar estas duas encantadoras producções a par das melhores poesias das *Flores do campo*.

M. Duarte d'Almeida pertence, pela elevação das ideias, pela delicadeza de sentimento, pela expontaneidade e correcção irreprehensivel da fórma, á mesma pleiade de poetas em que brilham os nomes de João de Deus e de Anthero do Quental.

Repetidas vezes solicitado para collecionar as suas poesias, só agora M. Duarte d'Almeida se dispoz a fazel-o, encontrando em M. Gomes um editor intelligente e emprehendedor, e que promette dar á parte material do livro a elegancia, o gosto e o luxo que condigam com o valor inestimavel do texto.

Faz parte do livro a formosa poesia, que em seguida publicamos:

CABELLOS

AO MEU VELHO AMIGO, JOSÉ CABRAL T. COELHO

Não sei porque hei-de amar esses cabellos,
Tão cheios de attractivos para mim,
Tão macios, tão d'ebano, tão bellos!
Não sei porque hei-de amal-os, se hei-de vêl-os,
Sempre captivos, torturar assim!

Os enfeites que pões os desfiguram,
Esses pesados jugos os offendem...
E, — vês tu? mal que as tranças se desprendem,
Como estes dedos, avidos, procuram
Logo as negras cadeias que me prendem?

E tu — a desprezar tanta opulencia!
Sacrificas á Moda em demasia.
Compõe-os para mim, tambem, um dia!
Deixa-os cahir, soltar, sem resistencia,
Como eu por ti, sendo mulher, faria...

Ou dá-lhes essa fórma antiga e casta
Que o rosto enquadra em maternaes bandós;
Bem sei que é velho e que, de certo, afasta
Muitos d'aquelles que esse olhar arrasta...
Mas, aqui juntos, — gozaremos sós!

Ha n'essa antiga e doce compostura
Não sei que vago, que suave encanto,
Que faz lembrar-me d'um mosteiro santo
De monjas e, no côro, uma figura,
D'alvo capello, a soluçar um canto...

E foi assim que eu vi representada,
Nas puras linhas de ideal gravura,
Do doutor Fausto a amante inda illibada,
Mas em funda tristeza mergulhada,
Já presentindo a amarga desventura!...

E essas velhas pinturas que possues,
Essas loiras, formosas raparigas,
De cabellos em cachos, como espigas,
E, cheios de malicia, olhos azues?...
Ah! Não gostas tambem, que são... antigas!

---

parencias de intimidade; que nos fazem o favor de uma risada da moda a cada semsaboria que pronunciamos; esses leões terriveis que, carregando o sobr'olho, imaginam ter fascinado uma mulher...; ninguem lhes póde querer mal, coitados, mas tambem quem os poderá tomar a sério?

«Ahi está explicada a minha exempção até o dia em que recebi esta prova de um mysterioso amor.

«Comprehendes que se póde amar por inspiração, não é verdade? Não te rirás d'este sentimento que a leitura d'aquellas linhas me inspirou, pois não?

«Então digo-te mais, digo-te que o animei. Hontem mesmo, em seguida ás suas palavras escrevi estas, que formulam um convite, o qual espero me não será rejeitado. Submetto-as á tua censura.

«— Quem possue sentimentos que em sua consciencia o nobilitam, não póde envergonhar-se d'elles. Se eu fiz nascer o mal, tenho direito a conhecel-o. E não possue a liberdade de recusar-se á confissão inteira, quem não hesitou ao exprimir as primeiras queixas. Preciso um nome. Não sei de distancias que prevaleçam quando a correspondencia de affectos trabalha por annullal-a: rio-me dos preconceitos que o mundo respeita, e quando um sentimento é verdadeiramente nobre, tenho faculdades para lhe apreciar a nobreza e sensibilidade bastante para lhe não poder ser indifferente.—

«Fiz mal escrevendo isto? Póde ser, mas não me arrependo. Quero alentar essa alma tímida que me votou um culto desinteressado, mostrar-me a seus olhos tal qual sou e... — por que te não direi tudo, a ti que és a minha melhor confidente? — quero amal-o. Se o meu amor lhe póde dar a ventura, hei de tornal-o venturoso.

«Espero que em breve te communicarei o resultado da minha entrevista. Julgo-a inevitavel.

«Dize-me se tens os mesmos presentimentos da tua

«*Valentina.*»

VI

A noite estava tepida e tranquilla, como se fôra uma noite de estio. Os raios de luar esplendido, internando-se pela espessura das arvores, desenhavam no chão das alamedas ornatos irregulares, que apenas um ligeiro tremor agitava.

Os ultimos clarões do crepusculo apavonavam ainda o occidente, onde acabara de esconder-se a estrella da tarde.

Muitos dos doentes do doutor Jacob, aproveitando-se da excepcional temperatura d'aquella noite de outomno, passeavam a conversar por entre as arvores, ou contemplavam silenciosos os variados effeitos da luz nos accidentes do terreno.

Valentina, afastando-se de toda a companhia, fôra sentar-se nos degraus da capella, junto da qual a vimos pela primeira vez. Na physionomia, na attitude, na distracção com que parecia fitar o disco luminoso da lua, por entre as folhas dos álamos, denunciava-se-lhe uma profunda inquietação. A mesma influencia, sob cujo dominio escrevera a carta que no capitulo antecedente reproduzimos, ainda se não tinha desvanecido.

A mão occulta, que lhe havia dirigido aquella vehemente confissão de um amor sem esperança, era-lhe desconhecida.

Ao primeiro convite não respondera o mysterioso escriptor.

O caracter de Valentina não lhe permittia porém desistir facil-

D'accordo. Isto é um capricho de momento.
O que eu mais quero é vêl-os sem prisões!
Dá-lhes a vida, a febre, o movimento,
Atira-os como as chammas, quando o vento
As quebra em rectilineas projecções!

Mas liberta-os do jugo que os opprime!
Põe termo, um dia, á dura escravidão!
Perante a Moda será isso um crime,
Mas, quando a sós commigo, — sê sublime!
Desencadeia o negro turbilhão!

M. DUARTE D'ALMEIDA.

MODAS

Fazem furor em Paris as ruches de *crêpe lisse* guarnecidas de renda para pôr á roda do pescoço. Lembram as golas do tempo da rainha Izabel d'Inglaterra e não são bonitas. Não ficam bem á cara, não se vê razão d'existirem; fazem parecer o pescoço da largura da cintura, e talvez que a sua unica vantagem seja que não são tão quentes como os *boas* de pennas, e por consequencia os substituem quando no verão seja necessario abafar o pescoço nas tardes ventosas ou humidas.

Felizmente este verão todas as elegantes lançam mão das fazendas claras, reconhecendo que são as mais racionaes para usar quando o sol queima e a poeira cega. Nos ultimos annos as côres escuras e sombrias eram a divisa das elegantes, mas deu-se este anno uma completa transformação, e mesmo as senhoras de certa edade as adoptam. Ha quantos annos não viamos nós na rua ou n'um passeio uma *toilette* de *linon* com entremeios de renda?

Apontemos a moda das romeiras ou pélerines, mais ou menos guarnecidas e feitas quer de *surah* quer de cambraia ou simplesmente da fazenda de que é o vestido. Creio não me enganar no prognostico de que terão longa vida, por serem um lindo e util accessorio da *toilette*. Em todas as edades, mais ou menos, se podem usar, e quem não goste d'ir á rua *em corpo* encontrará na romeira um complemento da sua *toilette*.

É grande a variedade dos véos que são indispensaveis com qualquer fórma de chapéu visto não se usarem *brides*.

Alguns são de tulle finissimo com pintas de côres, ou raminhos de *muguet* em fórma de pequenas palmas.

GIL-BERTA.

Anniversarios da semana

Domingo 30 — As sr.as: Condessa do Calhariz de Bemfica, D. Maria da Madre de Deus Pereira Coutinho Padilha, D. Maria Francisca de Menezes, D. Maria Luiza Ferreira de Castro, D. Laura de Serpa Pimentel.

E os srs.: Visconde d'Ouguella, Manuel José de Madureira (Bovieiro), Dr. Eduardo Ferreira da Cunha.

Segunda-feira 31 — As sr.as: Condessa de Sobral, D. Maria da Cunha Menezes (Lumiares), D. Eugenia Maria Valdez Penalva (Penalva d'Alva), D. Izabel da Camara Aranha. D. Maria Benedicta d'Albuquerque e Castro Sobral, D. Elvira Constança da Silva Barahona e Costa, D. Maria José Pina Manique Pereira.

E os srs.: Visconde de Valle de Sobreda, Conselheiro Julio Marques de Vilhena, Pedro Berquó (Cantagallo), Dr. Affonso Maria Diniz Sampaio, José de Sousa Lobo, José Maria da Graça.

Terça-feira 1 — As sr.as: Condessa da Lobata, D. Olympia Malheiro de Vasconcellos (Castro Daire), D. Miquelina Freire Cabral Metello, D. Maria Angelica Franco, D. Joanna Santos Abreu Oliveira, D. Margarida Julia de Napoles Manuel (Almeida), D. Maria do Carmo Biker Cabral. D. Maria Epiphania Telles da Silveira Menezes, D. Marianna Rita Barreto da Cunha.

E os srs.: Visconde de Rio Sado, D. José Gil de Borja Macedo e Menezes (Lumiar), José Manuel d'Abreu Sacoto Galache, José Homem de Figueiredo Leitão (Caria), Antonio José Henriques.

Quarta-feira 2 — As sr.as: D. Anna Manuel da Cunha (Vianna), D. Henriqueta Aureliana Pacheco Sequeira Lopes, D. Thereza Dolbert Alves Ribeiro, D. Carlota Joaquina Rosado Couceiro, D. Laura Ignez de Castro Ribeiro, D. Maria José d'Almeida e Lencastre.

---

mente de uma resolução formada. Recuar depois dos primeiros passos era um sacrificio, para que se não sentia de animo.

Depois, a phantasia creara-lhe um romance, um d'esses devaneios de vinte annos, em que todo o nosso imaginar se concentra; paraiso de luz e de flôres, fóra do qual tudo se nos mostra árido e obscuro. Já não podia acceitar a realidade, depois de alguns momentos passados em livre devanear.

Insistiu e a novo emprazamento obteve uma resposta formulada apenas por estas palavras:

«Veja que me pede um sacrificio immenso. Não sabe o que promette. Assim, ainda posso illudir-me; depois... a confirmação das minhas suspeitas ser-me-hia fatal.»

Esta resposta não era de natureza a modificar a tenção da caprichosa convalescente, antes lhe exacerbou a impaciencia natural, sob cuja inspiração escreveu as seguintes palavras no mesmo logar onde toda esta singular correspondencia havia sido archivada:

«Um culto sem fé! Como posso acreditá-o? Duvidar dos meus sentimentos e querer que não duvide da sinceridade dos seus! Hoje saberei o que devo julgar. Aqui hei de estar uma vez mais ainda, — a ultima, se esperar em vão. Procurarei esquecer-me depois.»

Quando de tarde Valentina voltou a este logar, uma só palavra resumia a resposta que esperava:

«Virei.»

E era por isso que, á medida que iam correndo os momentos e approximando-se a entrevista que ella havia exigido, uma vaga preoccupação se lhe apoderava do espirito, como se só agora ponderasse na importancia do passo, que com tanta leviandade havia dado.

Encontrar-se a sós com um homem desconhecido, que procurava occultar-se e temia o mundo, como se estigma indelevel estivesse chamando sobre elle o desprezo ou quem sabe se o castigo, fôra uma grande imprudencia!

E tal vulto tomavam ás vezes estas apprehensões no animo de Valentina, que, ferida de terror, erguia-se como para fugir d'estes logares, d'onde julgava vêr já levantarem-se espectros assustadores. Em breve porém lhe sorriam de novo as impressões que afagara. Nada devia recear.

Acaso a tinha perseguido esse homem, quem quer que elle fosse? Não a havia antes evitado? Não fôra ella que o constrangera a vir?

Que podia suspeitar d'aquella timidez de creança? d'aquelle pobre coração, que esmorecia á lembrança de que podiam escarnecer-lhe o culto de que se ufanava? Esta idéa tranquillisava-a, e então voltava a phantasia a pintar-lhe com as mais risonhas côres o futuro da sua paixão nascente.

Já a faziam sorrir os primeiros terrores, já se lhe despojava de sombras pavorosas a alameda, e de novo esperava com anciedade o momento da entrevista.

N'estas continuadas alternativas que gera a incerteza, entre a confiança e o susto, entre sorrisos e terrores, correram para Valentina alguns minutos mais, até soarem nove horas na torre da pequena capella.

JULIO DINIZ.

(Continúa).

E os srs.: Marquez de Franco, Visconde de S. Thiago de Cayola, Henrique Ferreira de Paula Medeiros, Jorge José de Mello, Augusto Maria Fuschini.

Quinta-feira 3 — As sr.as: Condessa de Margaride, D. Josepha Molina Street da Cunha (Carnide), D. Eugenia de Mello Valdez (Bomfim), D. Maria do Carmo Barahona e Castro, D. Anna Pereira de Magalhães, D. Sophia Rollin Moncada, D. Henriqueta da Cunha Pimentel.

E os srs.: Antonio Pinheiro Tavares Osorio (Arneiros), Henrique Hugo Owen (Pero Palha), Dr. Henrique da Cunha Pimentel, Dr. Joaquim de Mattos Chaves, Alfredo Sarmento, Eugenio Ribeiro da Silva, Frederico Shore, Luiz Augusto Pimentel Pinto Junior.

Sexta-feira 4 — As sr.as: Duqueza de Palmella, Condessa de Magalhães, Baroneza de Santos, D. Maria Paiva d'Avelino, D. Marianna de Campos Simões Ferreira, D. Dorothea Pereira.

E os srs.: Conde d'Azambuja, Conde de Paço do Lumiar, Visconde d'Asseca, Damião Pereira (Bertiandos), Antonio Carlos de Fontes Pereira de Mello.

Sabbado 5 — As sr.as: Condessa de Paço do Lumiar, Condessa de Alpendurada, Baroneza do Cruzeiro, D. Julia Braamcamp, D. Maria das Neves Rodrigues de Vasconcellos Bartholomeu, D. Maria Antonia de Freitas e Silveira, D. Luiza Soares Borralha.

E os srs.: Sebastiao Augusto Gonçalves.

EPHEMERIDES SEMANAES

22 — S. M. El-Rei parte para Vendas Novas, em visita ás suas propriedades.

— São publicadas no *Diario* as novas leis da contribuição industrial, do sello, imposto de producção, e alcool.

23 — *Meeting* contra a nova postura sobre o preço e peso do pão.

24 — Chega a Lisboa mr. E. Carnot, filho do presidente da Republica Franceza.

25 — Morte do dr. Oliveira Valle.

26 — É publicado o decreto nomeando a commissão do *bill* de indemnidade.

27 — É assignado o decreto determinando as inspecções extraordinarias ás repartições de fazenda.

28 — Inauguração da exposição industrial nos Jeronymos.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

Real Colyseu

A companhia de operetta italiana que no sabbado passado se estreiou no Real Colyseu tem attrahido não só os frequentadores especiaes d'este circo, mas todos ou quasi todos os que no Colyseu dos Recreios a admiravam. E o motivo d'esta affluencia do publico é verificar-se que o palco do Real Colyseu offerece condicções mais vantajosas para realçar o merito dos artistas.

No Colyseu dos Recreios a companhia não podia ser devidamente apreciada. Os espectadores que só encontrassem logar depois das tres primeiras filas de cadeiras difficilmente podiam comprehender a peça, quando os artistas declamavam. Os que se sentassem ao fundo da sala, nem quando os artistas cantavam. D'esta forma, muitas vezes a companhia, que é de declamação e de canto, se transformava n'uma companhia de mimica. É este facto que explica e justifica a concorrencia n'esta casa de espectaculo.

Todas as noites os artistas teem sido muito applaudidos.

As irmãs Tanis, tão graciosas, tão intelligentes e com tão excepcionaes aptidões para a scena, vêem todas as noites coroados com salvas de palmas o seu trabalho.

Os outros artistas, sempre conscenciosos na interpretação dos seus respectivos papeis e muito correctos no desempenho, contribuem para formar um conjuncto digno de todos os louvores.

A companhia prepara-se para levar á scena algumas peças novas, e tem já em ensaios a *Juanita*, uma das operettas que mais tem agradado ao nosso publico.

A continuar assim, não terá a empreza occasião de se arrepender pelo facto de escripturar a companhia italiana.

*

Colyseu dos Recreios

Á primeira recita da companhia de zarzuella affluiu grande concorrencia de espectadores. Além d'esta companhia de canto, havia tambem o baile andaluz das celebres irmãs Morenos e *miss* Mabel Stuart, que se apresentava como sendo a verdadeira *serpentine*, da mesma forma que a Sapa se inculca como sendo a verdadeira queijadeira de Cintra.

O publico, que dias antes havia admirado no outro Colyseu *miss* Fuller, quiz vêr *miss* Mabel, e comparal-a com a rival. N'este confronto venceu Fuller. E logo o demonstrou o publico, fazendo algumas demonstrações de desagrado, durante a dansa.

Miss Mabel Stuart não se apresenta mal; mas falta-lhe a graça, a correcção de *miss* Fuller. O seu trabalho é precipitado, e nas continuas evoluções que a dança requer, de tal modo confunde o estofo do vestido que chega a levantal-o até revellar aos olhos dos espectadores as fivellas prateadas das suas ligas pretas! *Honny soit qui mal y pensé!*

Miss Mabel retirou-se já de Lisboa. Os espectaculos ficaram, pois, reduzidos ao desempenho das zarzuellas, que é inferior, e ao baile andaluz das irmãs morenos, que, como já tivemos occasião de dizer, é perfeito. Não se dansa melhor o *bolero*, o *fandango* e a *sevilhana!*

A empreza, á ultima hora, suspendeu os espectaculos. A companhia regressa a Hespanha.

Deus a leve para onde não faça damnos!

*

Praça de touros

Não tem havido, este anno, corrida de touros na praça do Campo Pequeno que deixe completamente satisfeitos os *afficionados*. Attribuindo-se o caso ao facto de ter a empreza contratado sempre os curros mais baratos. Veiu, porém, a empreza demonstrar que se não poupava a despezas, não só com o preço dos curros, mas ainda com o que pagava aos *diestros* hespanhoes mais notaveis, que entravam nas lides acompanhados das respectivas *cuadrillas*.

Parece já hoje averiguado que a culpa é toda dos touros, que se constituiram em gréve, á semelhança do que fizeram os chapelleiros do Porto. O touro resolveu não dar mais a *sorte*. Está prompto a sacrificar-se á nora, á charrua, á carroça e ainda ao *beef* á ingleza ou ao lombo á jardineira; mas á praça, em corridas tauromachicas, jámais!

De fórma que, por mais arrojados e mais dextros que sejam os capinhas e bandarilheiros, o touro consegue fugir-lhes. Está prompto a offerecer o cachaço á choupa, mas não á farpa!

Em vista, pois, do exposto e das exigencias do publico, parece que a empreza resolveu — continuando a gréve dos touros — entrar heroicamente na praça, e fazer-se correr a si mesma!

Deve ser um espectaculo muito divertido, e que ha-de attrahir uma enorme concorrencia.

Fica assim bem assignalada a integridade do cachaço do boi, que ainda é e será sempre um descendente do notavel Apis, de gloriosa e sacrosanta memoria.

Spectator.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio.** **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1